

VIOLÊNCIA E COMPETIÇÃO: UMA ANÁLISE ACERCA DA ESCOLA¹

Juliana Trajano dos Santos,

Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

Roberto Ferreira dos Santos

Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

RESUMO

A escola sofre com a violência. O presente estudo objetiva analisar como a violência e seus aspectos aparecem dentro das competições escolares, nas aulas de educação física de turmas de quinto ano do ensino fundamental I, tendo como parâmetro o gênero dos participantes. A pesquisa de qualitativa analisou competições de futebol e cabo de força. Os meninos foram mais violentos nas competições comparados com as meninas, devido a construção do padrão de masculinidade: agressiva, viril e violenta.

PALAVRAS-CHAVE: *violência, competição, gênero*

INTRODUÇÃO

A violência está cada vez mais frequente na sociedade brasileira. Deparamo-nos com o Estado enfraquecido e como consequência o nível de segurança nas cidades reduz e a criminalidade se instala oferecendo por vezes serviços que são de obrigação dos governantes. O Estado do Rio de Janeiro, vem sofrendo com tais acontecimentos.

A violência é entendida como uma opressão/força de alguém ou algo com mais poder, que é exercido contra quem não detém os mesmos poderes. Assim, a violência pode ser entendida como algo imposto ou mesmo a opressão sobre alguma pessoa (JORAND et al., 2019). Temos que partir da premissa que a violência é pluricausal, complexa e dialética (MYNAIO; SOUZA, 1998). Aspectos econômicos e culturais são apontados por alguns autores como formas de sociedades se tornarem violentas. Pessoas que vivem em condições de baixa renda são mais suscetíveis a praticar e a sofrer atos violentos. Reichenheim et al (2011) também aponta meninos negros entre 15 e 24 anos como as maiores vítimas da violência no Brasil. A escola sendo considerada como um espaço social, sofre com a

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

violência. Considerando-se os estudos de Reichenheim et al (2011), referente ao público atingido pela violência a escola pública recebe uma demanda grande de alunos que vivem em situação de risco.

Os episódios de violências nas escolas têm se tornado comum no Rio de Janeiro. A Baixada Fluminense, região abandonada pelas autoridades públicas, perece com a violência migratória da capital. Alguns artigos mostram que depois da instalação das Unidades de Polícia Pacificadora na cidade do Rio de Janeiro, os números de violências cresceram em Belford Roxo (GOMES, 2017).

A Educação Física, disciplina obrigatória da Educação Básica, traz como conteúdo os jogos, os esportes, as lutas e as atividades rítmicas (BRASIL, 1997). Os esportes foram criados com a finalidade de estabelecer a harmonia em uma sociedade extremamente violenta na Europa durante o século XVII (ELIAS, 1992). Então, a Educação Física pode através de seu conteúdo trabalhar a fim de minimizar a violência que interfere de maneira intensa as relações interpessoais dentro da escola e das aulas, a fim de gerar uma convivência pacífica e harmoniosa?

O estudo tem como objetivo analisar como a violência e seus aspectos aparecem dentro das competições escolares, nas aulas de Educação Física de turmas de quinto ano do Ensino Fundamental I, tendo como parâmetro o gênero dos participantes. A competitividade está atrelada ao comportamento violento/agressivo (SOUZA, 2005).

METODOLOGIA

A pesquisa de caráter qualitativo buscou entender o fenômeno da competitividade x violência. Como material de coleta, utilizou-se questionário, entrevista e a observação participante, como forma de oferecer mais confiabilidade ao estudo (YIN, 2016). Os participantes da pesquisa são 53 discentes com idades entre 10 e 15 anos, moradores de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense localizado no Estado do Rio de Janeiro. Eles estão matriculados em uma escola pública municipal e frequentam o 5º ano do Ensino Fundamental 1, que é uma etapa do ensino básico brasileiro.

Os jogos da competição foram organizados de forma que as três turmas participassem das atividades propostas. As atividades foram cabo de força e futebol, uma atividade indígena e um esporte/jogo, respectivamente. Os times das turmas foram divididos com a finalidade

que todos os alunos participassem de pelo menos uma atividade, para que os alunos vivenciassem as modalidades esportivas e os jogos de maneira competitiva.

No cabo de força foram divididos times mistos – meninos e meninas. Cada turma participou da atividade com dois times, totalizando 18 crianças por turma. O cabo de força é uma atividade indígena, que consiste em duas equipes medirem força utilizando uma corda. A equipe que conseguisse trazer dois oponentes para o seu campo, puxando a corda, venceria a atividade. No futebol, foram organizados times masculinos e femininos. Cada turma teve um time de cada, no qual tinham os jogadores titulares e os reservas. A escolha dos times se deu por sorteio na categoria masculina. As regras foram adaptadas para a estrutura da realidade da escola.

A primeira pergunta destinava-se a saber se o participante era menino ou menina. Está informação é relevante devido ao fato de culturalmente a competitividade e a violência estarem ligadas a construção da masculinidade e em contrapartida as meninas são criadas para atividades com menos vigor. A segunda pergunta foi: Qual atividade você participou? Essa pergunta teve como objetivo verificar quem participou das atividades e quais foram, para conseguir mapear a relação com a violência e as atividades.

A terceira pergunta é relacionada ao comportamento dos participantes dentro das atividades marcadas anteriormente. As respostas foram formuladas a partir das violências categorizadas por Santos e Machado (2014). Relacionando as respostas com as categorias de Santos e Machado (2014), chegamos ao seguinte quadro:

Quadro 1. Relação entre as respostas do questionário e as categorias de violências

QUESTIONÁRIO	CATEGORIAS DE VIOLÊNCIAS
Bateu em alguém	AGRESSÃO
Xingou alguém	OFENSA
Quebrou algum material	VANDALISMO
Enganou/ mentiu para o juiz ou adversário	FRAUDE



Gritou "quebra ele(a)" ou "quebra a perna dele (a)"	INDUÇÃO
Ameaçou o adversário ou outra pessoa	AMEAÇA

FONTE: Santos e Machado (2014)

Vale ainda ressaltar que também foi analisado o comportamento de alunos que estiveram presentes durante os jogos na arquibancada, como torcida. Esperou-se verificar quais as relações das atividades e os aspectos violentos que surgiram durante o desenvolvimento dos jogos.

RESULTADOS

Durante o estudo, obteve-se respostas de 28 meninos e 25 meninas. Em relação a participação das atividades, foi totalizado 22 meninos e 20 meninas, já a não participação foi de 6 meninos e 5 meninas. Dos 28 meninos, 13 afirmaram que fizeram algo violento, 7 não fizeram nada violento, mas tiveram vontade e 8 não fizeram nada violento e não tiveram vontade. Nas participantes meninas esse número reduz. Das 25 meninas participantes, 8 afirmaram que fizeram algo violento, 1 não fez nada de violento, mas quis fazer e 15 não fizeram nada de violento e não tiveram vontade.

Quadro 2. Dados dos participantes meninos

PARTICIPANTES MENINOS	
Fizeram algo violento	13
Não fizeram nada violento, mas tiveram vontade	7
Não fizeram nada violento e não tiveram vontade	8
TOTAL	28

FONTE: Acervo dos autores

Quadro 3. Dados das participantes meninas

PARTICIPANTES MENINAS	
Fizeram algo violento	8
Não fizeram nada violento, mas tiveram vontade	1
Não fizeram nada violento e não tiveram vontade	16
TOTAL	25

FONTE: Acervo dos autores



Analisando o quadro anterior, percebe-se uma predominância de atos violentos entre os meninos, quando comparados com as meninas. Durante a observação dos jogos, principalmente no futebol, os meninos se apresentavam mais competitivos e consequentemente mais violentos. Dentro da própria categoria masculina, os meninos com mais idade, apresentaram-se mais violentos nos jogos.

Durante as atividades nas quais os meninos participaram, houve maior grau de agressividade. O que foi percebido é que os meninos menores se sentiam intimidados pelos mais velhos. Em relação às meninas, quando a equipe adversária tinha meninas maiores, as participantes entravam desanimadas nas partidas, “agente vai perder mesmo, olha o tamanho delas”. Em algumas partidas do cabo de guerra, a equipe tida como mais forte às vezes perdia e as meninas apresentavam-se mais satisfeitas do que os meninos. No futebol, percebeu-se nos jogos de categoria masculina muitas faltas.

Nos jogos de futebol feminino havia muita dificuldade na dinâmica do jogo, pois apesar de muitas jogarem durante as aulas, o futebol é um esporte tido como masculino dentro do cenário nacional, sendo mais estimulado pela família a prática pelos meninos. Durante a infância, a menina, geralmente, brinca com atividades ditas femininas, como casinha, boneca e os jogos não são praticados. Apesar da pouca violência das meninas durante o futebol, atos violentos apareceram. Após a torcida dos meninos que incentivavam a violência, as meninas queriam machucar umas às outras utilizando a bola. Durante a estadia das meninas na arquibancada, não ocorreram incentivos positivos e nem negativos por parte delas, somente havia gritos.

Quando questionados sobre as atitudes violentas, as respostas foram: “bati porque me bateram”, “bati sem querer para pegar a bola”, “xinguei porque estava de sangue quente”; “bati porque queria ganhar, estava com raiva”. As respostas estão relacionadas ao contexto de ganhar ou perder, gerado pela situação de competitividade dentro dos jogos, “fiz isso para ganhar, fiquei com raiva”. As respostas das meninas seguiram essa mesma linha, porém com um número reduzido. Durante a observação dos jogos, percebeu-se que o futebol gerou maior e tensão-excitação por parte dos participantes. Além disso, os jogos masculinos de futebol apresentaram maior competitividade e violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um padrão de masculinidade socialmente aceita pautada na competitividade, agressividade, que não expressa sentimentos, viril e forte (SOUZA, 2005). Essa agressividade junto ao excesso de competitividade foi encontrada nos jogos que envolviam participação dos meninos nas equipes. E em contrapartida, as meninas são ensinadas a serem femininas e os níveis de agressividades entre elas eram baixíssimos, apresentando-se alto quando havia a participação de indireta dos meninos nos jogos. A partir desse pressuposto, surge a possibilidade de uma possível explicação das violências acentuadas pelos meninos durante os jogos: a construção social do que é ser homem nos padrões sociais.

Os alunos em sua maioria são negros e que estão inseridos em um local com baixa segurança e poucos serviços sociais básicos, como saneamento básico, o que é apontado por autores como fatores que influenciam no aparecimento de violências (MINAYO; SOUZA, 1998; REICHENHEIM et al, 2011).

O professor de educação física pode trabalhar a competição esportiva dentro das aulas, realizando reflexões acerca das violências, desenvolvendo um discente crítico e autônomo, a fim de reduzir a violência na escola. Entender o processo de violência, suas consequências e diferenças entre gêneros é o primeiro passo para uma sociedade justa e igualitária.

VIOLENCE AND COMPETITION: AN ANALYSIS ABOUT SCHOOLTITLE IN ENGLISH

ABSTRACT

The school suffers from violence. This study aims to analyze how violence and its aspects appear within school competitions, in physical education classes of fifth grade classes of elementary school I, having as a parameter the gender of the participants. The qualitative research analyzed soccer competitions and power cable. Boys were more violent in competitions compared to girls, due to the construction of the masculinity pattern: aggressive, virile and violent.

KEYWORDS: *violence, competition, gender*

VIOLENCIA Y COMPETENCIA: UN ANÁLISIS SOBRE LA ESCUELA

RESUMEN

La escuela sufre de violencia. Este estudio tiene como objetivo analizar cómo la violencia y sus aspectos aparecen dentro de las competencias escolares, en las clases de educación física de las clases de quinto grado de la escuela primaria I, teniendo como parámetro el género de los participantes. La investigación cualitativa analizó las competiciones de fútbol y el cable de alimentación. Los niños fueron más violentos en las competiciones que las niñas, debido a la construcción del patrón de masculinidad: agresivo, viril y violento.

PALABRAS CLAVE: violencia, competencia, género

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Educação Física**. MEC/SEF. 1997

ELIAS, N. Capítulo IV - Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Em busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992

GOMES, L. H. B. **O reflexo da violência e os impactos pós UPP no bairro da Vila Pauline e no conjunto Sítio do Livramento – Belford Roxo – RJ. 2017**. Monografia ao curso de Licenciatura em Geografia – FEUDUC – Fundação Educacional Duque de Caxias, Duque de Caxias, 2017.

JORAND, M. F.; TRIANI, F. S.; MURAD, M.; SANTOS, R. F.; TELLES, S. C. C. A violência em categorias de base do futsal no Rio de Janeiro: um mergulho no universo dos pais e treinadores. **Movimento**. Porto Alegre, v. 25, Jan./Dez. 2019.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e ação coletiva. **História, ciências e saúde**. v. IV. n. 3. p. 513-531. nov. 1997 – fev. 1998.

REICHENHEIM, M. E.; SOUZA, E. R.; MORAES, C. L.; MELLO JORGE, M. H. P.; SILVA, C. M. F. P.; MINAYO, M. C. de S. Violência e lesões no Brasil: efeitos, avanços alcançados e desafios futuros. **THE LANCET**. 2011; 75-89

SANTOS, R. F.; MACHADO, S. Conceitos e categorias: Algumas ferramentas para pensarmos esportes. In: FARIA JUNIOR, A.; BENTO, J.; SANTOS, R. F.; BOSCHI, C.. **Educação Física e Desporto – Relação Brasil Portugal**. Instituto Casa da Educação Física: Belo Horizonte, 2014.

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciência e saúde coletiva**. v.10. p. 59-70. Rio de Janeiro, 2005.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre, Penso: 2016

